CARL ROGERS SOBRE O SEU PARADIGMA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL EM PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA

Terça-feira, 17 de Setembro de 2013 às 21:00

Ana Tourinho, um Psicólogo, Medo menos Pragmático E Paradigma Rogeriano, Fenomenologia Existencial Humana.

Ana Tourinho, um Psicólogo
Medo menos Pragmático
Paradigma Rogeriano
Fenomenologia Existencial Humana.

Criar um Blog
Os Teus sem E-mails, Blogs e Perfis.
www.blogger.com

Seguindo-se 0 Blogs

ARQUIVO DO BLOG
▼ 2013 (1)
▼ Setembro (1)
CARL ROGERS SOBRE O SEU PARADIGMA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL EM PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA
PROFILE
ABOUT ME
INTRODUÇÃO
1. Carl Rogers, Sobre a escola Humanista.
2. A Psicologia Humanista e a Fenomenologia Existencial.
3. Carl Rogers, Conceitos Básicos da Abordagem Centrada na Pessoa.
4. A Psicoterapia Rogeriana, Sobre Aspectos Gerais.
5. Carl Rogers, Sobre a Relação Terapêutica.
6. Carl Rogers, Sobre a Relação Terapêutica.
7. Conclusão.

INTRODUÇÃO
1. Carl Rogers, Sobre a escola Humanista.
2. A Psicologia Humanista e a Fenomenologia Existencial.
3. Carl Rogers, Conceitos Básicos da Abordagem Centrada na Pessoa.
4. A Psicoterapia Rogeriana, Sobre Aspectos Gerais.
5. Carl Rogers, Sobre a Relação Terapêutica.
6. Carl Rogers, Sobre a Relação Terapêutica.
7. Conclusão.

Ana Tourinho, um Psicólogo, Medo menos Pragmático E Paradigma Rogeriano, Fenomenologia Existencial Humana.

Representações e Comunicação

Representações são produzidas e utilizadas para que alguém possa se comunicar sobre algo. Mas o que é isso? Como se dá essa comunicação, ou interpretação, por meio de representações? Como se dá a produção de representações? Como se dá a produção de sentidos?

Para que possamos nos ocupar dessas questões, é preciso que nos ocupemos também com o que é representação e com o que é sentido. Mas, antes disso, é preciso que nos ocupemos com o que é comunicação e também com o que é interpretação.

Neste capítulo, vamos nos ocupar com o que é representação e também com o que é sentido. Em seguida, vamos nos ocupar com o que é comunicação e também com o que é interpretação.

Representações

O Representacionismo é um pensamento sobre como pode haver conhecimento. Ou, mais precisamente, é um pensamento sobre como pode haver conhecimento, ou informações, sem o mundo. Pensamento, ou teoria, que tem como seus principais representantes Descartes, Hobbes, Locke, Hume, Kant, Husserl, Brentano, que, para dizer de Hugo Assmann, engendra o pensamento moderno e que, para dizer de Rorty, é o pai-fundador da perspectiva da filosofia da Representação, ou Filosofia-espelho, que ele pretende superar.

Hoje, a Representacionismo é, ao lado do Construtivismo, o que se pode chamar de uma teoria da cognição, ou uma teoria da mente, ou uma teoria da consciência, ou uma teoria da inteligência, ou uma teoria da linguagem, ou uma teoria da comunicação, ou uma teoria da interpretação, ou uma teoria da representação, ou uma teoria do sentido.

O Representacionismo sustenta que o conhecimento é uma representação do mundo. Ou, mais precisamente, que o conhecimento é uma representação do mundo. Ou, mais precisamente, que o conhecimento é uma representação do mundo. Ou, mais precisamente,

só podia ser o empirismo fenome-nológico. Por aí ele constitui uma metodologia genuinamente fenomenológico existencial de psico-logia e de psicoterapia.
No que pese, freqüentemente, a teorização de cunho às vezes demasiadamente metafísico, e que vai se superando sucessivamente. Afinal de contas, a teo-ria, e a teorização, não são o que existe de fundamental na experimentação de uma metodo-logia fenomenológico existencial, especificamente empírica; quer dizer: especificamente não teorética.
O fato é que o Rogers que encontramos no final de sua vida produz uma literatura ensaística, e está, metodologicamente, totalmente imerso na experi-mentação fenomenológico existencial empírica e dialógica da vivência e constituição de um modelo genuinamente fenomenológico existencial de con-cepção e facilitação de grupos e de psicoterapia.
Entender a abordagem rogeriana é, certamente, en-tender esta concepção e metodologia específicas, fenomenológico existencial empíricas, que já está muito longe, por exemplo, da mecânica da focaliza-ção, ou das meras condições de criação de um clima te-rapêutico (ainda que elas sejam importantes).
Não foi pouco, em termos qualitativos, e mesmo quantitativos.
Não fazemos justiça a Rogers enquanto não com-preendemos vivencialmente, empiricamente, as configurações do logos metódico fenomenológico existencial experimental de seu paradigma de traba-lho com grupos, e de terapia individual, a partir de 1974.
Infelizmente a teoria produzida por Rogers sobre es-te modelo ainda se situa na emergência, e na perplexidade da emergência, deste modelo. Na per-plexidade mesmo da condição da teorização acerca de uma metodologia não teorética, o que é paradoxo de toda abordagem fenomenológico existencial.
Na verdade, em particular nos EUA, a Fenomenolo-gia e o Existencialismo estavam meramente chegando, e enfrentavam resistências de ordem cul-tural, de ordem religiosa, e outras. O ethos maciçamente empirista, num sentido objetivista, di-ficultava a apropriação então da Fenomenologia e do Existencialismo. Rogers, apesar de influências seminais, de um Buber, por exemplo, de um Mas-low, de um Kierkegaard, não tinha conhecimento das particularidades das concepções de um Brenta-no, ou de Heidegger. A bem da verdade, a partir de suas influências originais, Rogers estava mais inte-ressado na experimentação fenomenológico existen-cial empírica de seu modelo.
A teoria e a teorização são, entretanto, fundamen-tais. Mesmo em um modelo fenomenológico existencial empírico – o que quer dizer, não teoréti-co, não teorizante, em sua vivência. Em particular, quando se trata do desdobramento do modelo, e da transmissão dele a novas gerações.
A situação assim da teoria, a sedução pela "facilida-de" e poderes de uma posição empirista objetivista (freqüentemente adoçada por uma retórica "rogeri-ana"), o status que Rogers alcançou, supostamente propagado, a preguiça, fazem com que haja freqüen-temente uma paralisia na compreensão teórica do modelo rogeriano, e no desdobramento de suas con-cepções e métodos.
Isto não faz jus, naturalmente, à importante e subs-tancial contribuição de Rogers. Nem às demandas da sociedade, que cada vez mais respeita e demanda o trabalho do psicólogo, que cada vez mais requer modelos efetivos de concepção e método.
O modelo de Rogers contribui efetiva e substanci-almente neste sentido.
Resta-nos o desafio de uma compreensão, experi-mentação e desdobramento deste modelo. O que envolve uma vivência efetiva de sua originalidade empírica e experimental, num sentido fenomenoló-gico e existencial. A compreensão de suas raízes seminais, tanto em termos históricos, como em ter-mos conceituais e metodológicos.

Ophycina do Livro

POSTADO POR BLOG DO AFONSO ÀS 11:16

Postagens mais recentes Página inicial

Assinar: Postagens (Atom)